INTRODUÇÃO HISTÓRICA AO ESTUDO DO ECUMENISMO – 5

DO MOVIMENTO DE OXFORD AOS DIÁLOGOS DE MALINAS

O conteúdo deste artigo, que também poderia ser intitulado "Anglicanos e Católicos do século XIX ao XX", dará a impressão de um retrocesso em relação ao estudo publicado no nº 10, que tratava do desenvolvimento ecumênico em meio protestante até os dias atuais.

Trata-se, de fato, de um desses retornos necessários para delinear os diferentes planos de uma questão, e poderemos abordar assim dois aspectos determinantes do problema ecumênico: por um lado, seu impacto nos meios católicos em ligação com os meios protestantes, o que nos levará a estudar o ecumenismo propriamente católico nos próximos números; por outro lado, as armadilhas do ecumenismo, obstáculo teórico e prático à Unidade da Igreja, através de um exemplo que será detalhado em um artigo vizinho a este.

Nosso assunto abrange quase um século e meio, em vários países, e interessa tanto ao anglicanismo quanto ao catolicismo; devemos, portanto, respeitar uma certa divisão cronológica para introduzir alguma clareza e examinaremos sucessivamente: as relações entre católicos e anglicanos do século XVI ao XVIII, sua evolução no início do século XIX, o Movimento de Oxford, depois as relações na segunda parte do século XIX e, finalmente, os Diálogos de Malinas com sua influência sobre a corrente ecumenista na própria Igreja.

Anglicanos e Católicos do Século XVI ao Século XVIII

Todos sabem que a Reforma ocorreu na Inglaterra de forma particularmente complexa e progressiva, conforme esboçamos em um artigo anterior do Boletim nº 7; isso não é sem importância para nosso propósito, pois, devido a isso, o Anglicanismo muitas vezes pareceu ocupar uma posição intermediária entre o Protestantismo em geral e o Catolicismo, em uma espécie de ecumenismo *avant la lettre*, segundo uma noção que, aliás, vem sendo frequentemente afirmada por alguns anglicanos há um século.

Recordemos brevemente os fatos.

O Rei Henrique VIII rompeu por razões de conveniência pessoal, razões íntimas e razões políticas, sem ser ele próprio tentado pelas teses protestantes. No entanto, a infiltração ocorreu apesar de

tudo, e o futuro rei Eduardo VI foi formado por mestres luteranos, de modo que, uma vez no trono, acrescentou a heresia ao cisma, e em 1549 o *Prayer Book* introduziu a nova religião na vida cotidiana.

A restauração católica pela Rainha Maria Tudor, entre 1553 e 1558, foi apenas um breve interlúdio; assim que a Rainha Elizabeth I chegou ao poder, o desenvolvimento do Anglicanismo recomeçou com força total e foi realizado em cerca de dez anos; uma nova hierarquia episcopal foi estabelecida e sagrada em condições que levariam o Papa Leão XIII a negar sua validade no final do século XIX.

Em 1563, foram promulgados os XXXIX Artigos, formulário doutrinal sobre o qual a Igreja Anglicana, doravante chamada de Igreja Estabelecida, se apoiaria até os dias de hoje – daí a expressão "Establishment" para designar o aparato eclesiástico e leigo que lhe serve de estrutura e que lhe permitiu resistir às forças de desintegração.

Gradualmente, a perseguição aos católicos tornou-se mais intensa: com a excomunhão da Rainha Elizabeth pelo Papa São Pio V, depois os infortúnios de Maria Stuart e o desastre da Invencível Armada, atingiu um paroxismo cujo relato um dia precisaremos fazer, tamanho foi o heroísmo dos católicos ingleses.

Mas contestada à sua direita, por assim dizer, a Igreja Estabelecida também o era à sua esquerda pela oposição puritana, que a acusava de ainda manter muitos traços do catolicismo em sua constituição e liturgia: os puritanos rejeitavam o Episcopado, alguns extremistas até mesmo o Presbiterato, e também recusavam a maioria dos elementos da liturgia, que queriam reduzir à simples pregação.

Embora minoritários, esses elementos estiveram perto de se impor, e a Igreja Estabelecida, que no entanto tolerava quase todas as fantasias individuais, desde que exercidas em seu seio, teve que persegui-los e se esforçou para dividi-los: uma parte se exilou no Continente, especialmente na Holanda, enquanto a maioria permaneceu na Igreja Anglicana, onde se desenvolveu gradualmente, conseguindo fazer triunfar a revolução em meados do século XVII – uma revolução ao mesmo tempo política e religiosa.

Após cerca de uma década que viu a decapitação de Carlos I, seguida pela república, o poder de Cromwell e o triunfo dos puritanos, o retorno de Carlos II permitiu o restabelecimento da Igreja Anglicana e a redução dos puritanos. No entanto, as diversas tentativas reais de apaziguamento em relação aos católicos esbarraram em uma violenta barreira dos protestantes, de todas as tendências, e, ao contrário, só pioraram sua situação: o "Ato de União" obrigou então todo funcionário público a reconhecer o Rei como chefe da Igreja e a receber a comunhão segundo o rito anglicano, excluindo a Transubstanciação, o que automaticamente eliminava os católicos.

Um novo interlúdio católico com o Rei Jaime II durou apenas três anos. Apressado demais em sua tentativa de restaurar o catolicismo, o rei foi inicialmente tolerado, pois se esperava sua morte mais cedo ou mais tarde; mas quando, em 1688, ele teve um herdeiro, Jaime Eduardo, futuro rei católico, os protestantes se rebelaram e apelaram ao protestante holandês Guilherme de Orange. Este veio efetivamente com um exército de quinze mil homens e invadiu a Inglaterra, enquanto

Jaime II fugia para a França.

A Revolução de 1688 marcou assim a derrota total do catolicismo, cujos membros logo representariam menos de 5% da população; tratados como cidadãos de segunda classe, os católicos não tiveram direito nem mesmo à tolerância de que gozaram os protestantes não conformistas (portanto, fora da Igreja Anglicana) ao longo do século XVIII. Sem direitos civis, excluídos de todas as funções oficiais, obrigados a financiar seus padres enquanto pagavam o dízimo ao clero anglicano, eles atravessaram um longo período de opressão que só começou a afrouxar no final do século XVIII, após as guerras de independência da América.

A evolução da situação a partir de 1780

A morte de Jaime III Stuart fez os católicos perderem seu pretendente ao trono, e aos poucos a oposição dinástica se acalmou; em 1778, o "*Toleration Bill*" foi aprovado pelo Parlamento, autorizando o culto católico público em troca de um juramento de lealdade à casa real de Hanôver. Apesar de violentos motins populares desencadeados por protestantes extremistas, a lei foi mantida e ainda foi complementada em 1791 pelo "*Relief Bill*", que permitiu aos católicos o acesso à Ordem dos Advogados.

Ao mesmo tempo, as perseguições da Revolução Francesa trouxeram para a Inglaterra vários milhares de padres católicos franceses, cuja atitude e personalidade foram um testemunho vigoroso para os protestantes ingleses. No entanto, os primeiros anos do século XIX viram fracassar várias tentativas destinadas a melhorar a posição dos católicos, assegurando-lhes igualdade civil, mas a tendência se delineava claramente.

Ela se concretizou graças à ação contundente de O'Connell, um jovem advogado irlandês que lançou, a partir de 1810, uma grande Associação Católica e que, através de uma poderosa campanha de agitação, alcançou seus objetivos entre 1828 e 1829. Finalmente, em abril de 1829, o "*Emancipation Bill*" foi adotado pelas Câmaras e pelo Rei: em virtude deste "Ato de Emancipação", os católicos podiam agora exercer todas as funções civis e militares, exceto a Realeza e a Chancelaria, e isso em todo o Império Britânico.

O'Connell não obteve o mesmo sucesso em relação à questão política irlandesa, pois morreu em 1847 em um fracasso e após muitas tribulações, mas a causa dos católicos ingleses foi muito melhorada a partir desse momento, a ponto de uma tendência dos protestantes ingleses de retorno ao catolicismo ser detectável já em 1830. É essa corrente que daria origem ao Movimento de Oxford.

O Movimento de Oxford

Se é da natureza dos grupos protestantes serem divididos em tendências e correntes de pensamento, é sem dúvida no seio da Igreja Inglesa que esse traço é mais marcante e, por assim dizer, mais bem estruturado: de fato, as divergências que, em outras seitas, teriam levado a uma fragmentação do corpo religioso, puderam coexistir no Anglicanismo devido ao *Establishment* e resultaram na constituição de três famílias de espírito nitidamente distintas e reconhecidas como tais por todos.

A Baixa Igreja (*Low Church*) reúne aqueles que se apegam aos 39 Artigos e à sua interpretação protestante ao estilo dos séculos XVI e XVII. Os membros da Alta Igreja (*High Church*), ao contrário, procuram não apenas reintroduzir toda a pompa do culto católico (estamos obviamente aqui antes do Vaticano II), mas também interpretar os 39 Artigos num sentido frequentemente próximo ao catolicismo.

A Igreja Ampla (*Broad Church*) é o partido dos Liberais, ou seja, daqueles que professam um liberalismo religioso dos mais amplos, em virtude do qual todas as opiniões e todas as seitas poderiam coexistir, exceto os papistas, é claro.

O que se deveria chamar de Movimento de Oxford nasceu, portanto, em um ambiente "Alta Igreja", entre os jovens professores da Universidade desejosos de reformar a Igreja Estabelecida e de reagir tanto contra o relaxamento dos clérigos da "Baixa Igreja" quanto contra o laxismo doutrinário da Igreja Ampla, que contava com mais de um membro eminente entre os acadêmicos.

Um pequeno grupo de amigos lançou, a partir de 1833, uma campanha de panfletos que teve uma repercussão considerável; em julho de 1833, John Keble proferiu um sermão no qual denunciava uma "apostasia nacional"; depois, em setembro de 1833, aparecia um pequeno texto anônimo de três páginas intitulado "*Tract for the Times*": o pretexto era a decisão do Parlamento de suprimir dez bispados na Irlanda, e o autor, sem atacar a lei em si, lembrava aos clérigos da Igreja Anglicana que eles detinham seus poderes espirituais da sucessão apostólica e não do Estado; este *tract* emanava de John-Henry Newman, que seria um dos principais elementos do Movimento de Oxford, juntamente com Pusey, Keble, Froude, Ward e Bowden.

Outros *tracts* se seguiram rapidamente, tratando de todos os pontos de desacordo entre Alta e Baixa Igrejas: disciplina, liturgia, sacramentos; em pouco mais de um ano, apareceram 46, sendo a maior parte da lavra de Newman. Todos foram objeto de intensa difusão, até no interior dos campos, e não tardaram a provocar reações violentas, sendo seus autores acusados de papismo; essa censura contrariava vivamente Newman e seus amigos, que desejavam reformar a Igreja Anglicana para fazê-la retornar à Igreja dos primeiros séculos, mas eram totalmente opostos ao romanismo, ou seja, à Igreja católica atual.

A situação se agravou ainda mais quando o Dr. Pusey veio oferecer sua ajuda ao grupo a partir de 1835; grande erudito, ele deu aos *tracts* um peso maior ao escrever tratados muito mais aprofundados e doutrinários, tanto que, em maio de 1836, a Assembleia dos mestres da Universidade de Oxford votou uma censura contra as novas doutrinas denunciadas como papistas.

O tempo e as críticas apenas ampliaram a evolução dos membros do grupo, evolução, aliás, diversa, como veremos.

Newman, aluno e depois professor em Oxford, tornou-se em 1828 vigário de Santa Maria de Oxford, paróquia da universidade; o púlpito, assim como a prática litúrgica, davam-lhe os meios para difundir a doutrina dos *Tracts* e conduzir a juventude intelectual na direção do catolicismo.

Impulsionado pela lógica de seu sistema, ele redigiu em 1841 o *Tract 90*, no qual se esforçava para demonstrar a ortodoxia dos 39 Artigos Anglicanos e sua conformidade com o ensino católico; os chefes da universidade o condenaram novamente, qualificando seu texto de "obra-prima de Satã",

e o bispo de Oxford o intimou a se retratar, o que ele recusou. Um ano depois, retirou-se para o campo com alguns amigos para refletir e, após dezoito meses, tomou sua decisão: em setembro de 1843, renunciou ao seu cargo de vigário e dedicou os dois anos seguintes à redação de seu *Ensaio sobre o Desenvolvimento da Doutrina Cristã*. [1]

Vários de seus amigos, incluindo Ward, haviam se convertido entretanto, e em 8 de outubro de 1845, assim que seu livro foi concluído, Newman abjurou o anglicanismo, logo seguido por um grande número de seus discípulos, mais de trezentos, diz-se.

No entanto, alguns outros entre seus amigos mais próximos, especialmente Ketle e Pusey, recusaram-se a dar o salto e preferiram permanecer na Igreja Anglicana, praticando uma *via media* que encarnava o que se chamou de "anglo-catolicismo", próximo do catolicismo por seus ritos, daí o rótulo "ritualista" que geralmente lhe é atribuído. Voltaremos a encontrar essas duas tendências adiante, e outro artigo deste Boletim é dedicado ao puseyismo.

A posição católica a partir de meados do século XIX

Desde o restabelecimento do culto católico público em 1778 e da igualdade social em 1829, o catolicismo inglês havia recuperado muitas de suas posições, o que não foi uma das menores causas do Movimento de Oxford; este, por sua vez, provocou tantas conversões que, cerca de quinze anos após seu início, o Papa Pio IX pôde considerar o restabelecimento da hierarquia católica na Inglaterra, e a coisa se concretizou em setembro/outubro de 1850.

Wiseman, um católico anglo-espanhol de velha cepa, tornou-se cardeal-arcebispo de Westminster com doze bispos sufragâneos; apesar de muita emoção e agitação entre os anglicanos, essa hierarquia pôde se instalar e começar a trabalhar, não sendo fácil conciliar a velha guarda católica, reduzida a cerca de cem mil membros, com os novos convertidos cada vez mais numerosos graças à ação das ordens religiosas.

Outro convertido de peso, Manning, ex-arcediácono anglicano de Chichester, tornado católico em 1851 e depois coadjutor de Wiseman em 1856, sucedeu-lhe à frente da hierarquia inglesa em 1865; por muito tempo amigo de Newman, cujo pensamento o levara à conversão, dele se afastou para combater suas ideias liberais.

De fato, na Inglaterra, como no Continente, não tardou a se desenvolver uma escola imbuída de liberalismo, cujo órgão era a revista *The Rambler* (em inglês, o flâneur, o vagabundo), animada por vários convertidos de Oxford e à qual Newman colaborava. O cardeal Wiseman opôs-lhe a *Revista de Dullin*, dirigida por Ward, outro promotor do Movimento de Oxford, mas da tendência intransigente, e Manning foi levado a neutralizar a ação de Newman, o qual, para se defender, publicou em 1864 sua obra mais célebre, sua *Apologia pro vita sua*.

No mesmo ano de 1864, a encíclica *Quanta Cura* e o *Syllabus* confirmaram a posição de Manning, que foi um dos pilares do Concílio Vaticano I em 1870 e se tornou cardeal em 1875. Bastante logicamente, a elevação de Newman ao cardinalato em 1879 foi um dos primeiros gestos do novo pontífice Leão XIII e assinalou o triunfo da nova escola "não intransigente"....

O anglo-catolicismo e a "corporate reunion"

Enquanto o número de católicos crescia rapidamente, os ritualistas ou "anglo-católicos" se desenvolviam por seu lado, acentuando sua semelhança externa com o catolicismo, exceto em dois pontos: o livre-exame protestante e a supremacia pontifícia.

A evolução era tal que o arcebispo de York não hesitou em afirmar "*que eles se tornavam cada dia mais católicos, mas também mais antirromanos*"! Além da beleza da fórmula, devemos destacar especialmente sua hábil distinção entre o católico e o romano, que se encontra frequentemente na base das discussões ecumênicas e que conduz logicamente a esta dupla conclusão: a Igreja ecumênica se fará fora de Roma, e a própria Roma, se quiser aderir a essa futura "Igreja católico-ecumênica", deverá deixar de ser romana.

Os anglo-católicos professavam assim um "catolicismo" próprio, insular, inglês, de onde vem seu nome. Essa atitude ambígua só poderia levar a duas posturas: ou uma conversão completa e franca ao verdadeiro catolicismo, ou um bloqueio ainda mais firme numa posição intermediária, a "via média", que levou alguns deles a tentar aproximações com Roma e a defender uma reunião em corpo, a "*corporate reunion*", o melhor meio de evitar as inúmeras conversões individuais.

Estamos aqui em pleno ecumenismo prático, no cerne do nosso tema, e na origem de muitas ambiguidades contemporâneas.

- A primeira tentativa foi a da APUC, Associação para a Promoção da União da Cristandade, fundada em 1857 pelo anglicano George Lee e pelo católico Philippe de Lisle, que, baseando-se na teoria dos três ramos, propunha uma reunião geral da cristandade [2]. A APUC foi condenada por um decreto do Santo Ofício em 1864; os católicos tiveram que se retirar, e os anglicanos ficaram sozinhos para promover essa estranha concepção.
- Uma segunda tentativa foi a da OCR, Ordem para a Reunião Corporativa, fundada em 1874 por três clérigos anglo-católicos, Lee, Secombe e Mossman, que publicaram em 1877 um estudo denunciando um certo número de insuficiências anglicanas, especialmente em matéria de rituais sacramentais: confirmação, extrema-unção, batismo, mas sua posição em relação ao Papa permanecia idêntica à da APUC.

  É interessante notar que esses três clérigos, preocupados com o valor das ordenações anglicanas, voltaram-se para os orientais e, tendo ido a Veneza em 1875, foram batizados, confirmados, ordenados e sagrados por três bispos autênticos: um ortodoxo grego, um sirio-melquita e um católico oriental. Ao retornar à Inglaterra, eles próprios realizaram um certo número de sagrações, participando em 1879 da criação da hierarquia de uma seita curiosa, a Igreja Céltica. Eles também estariam na origem de quase mil reordenações de pastores anglicanos inseguros de si mesmos. Mas, no final, dois dos fundadores retornaram à Igreja: Mossman foi recebido em 1885 pelo Cardeal Manning, e Lee em 1901 pelo Padre Best do Oratório.

- A terceira tentativa unionista, a principal, foi obra de Lord Halifax, presidente da English Church Union, poderosa organização fundada em 1859 que reunia trinta e cinco mil membros, incluindo vários milhares de pastores e cerca de trinta bispos anglo-católicos.

Fiel à linha puseyista, ele pretendia permanecer anglicano, mas ao mesmo tempo desejava fortemente restabelecer laços com os meios católicos; contudo, os católicos ingleses conheciam muito bem a verdadeira natureza do anglo-catolicismo para se prestarem a esse jogo, e Lord Halifax teve que buscar apoio no continente: foi assim que, em 1889, encontrou-se na Madeira com um lazarista francês com quem se ligou estreitamente.

O padre Portal tornou-se um fervoroso defensor da aproximação unionista e empreendeu uma série de ações para prepará-la. Ele publicou primeiro, em 1894, sob pseudônimo, um folheto sobre as Ordenações Anglicanas, onde concluía pela necessidade de revisar a questão, e logo foi apoiado em sua posição pelo padre Duchesne e por Dom Gasparri, o que não surpreenderá ninguém.

Graças a Deus! No ano seguinte, o beneditino Dom Gasquet, baseando-se em textos pontifícios do século XVI, estabeleceu de forma definitiva a nulidade das Ordens Anglicanas e, especialmente, a não transmissão episcopal.

Em seu primeiro impulso, o padre Portal fundou a Revista Anglo-Romana para ampliar sua propaganda e, no final de 1894, foi recebido pelo Cardeal Rampolla e por Leão XIII, a quem convenceu das possibilidades da "reunião em corpo". Na primavera de 1895, o Papa escreveu a carta "*Ad Anglos*", na qual se congratulava com os esforços dos ingleses em prol da União.

Do lado anglicano, a acolhida foi excelente, ainda mais porque o texto pontifício havia delicadamente silenciado sobre as condições da reunião, a ponto de o Times se sentir autorizado a supor que "*no terreno disciplinar, um Papa tão rico em expedientes como Leão XIII se mostraria muito acomodatício*".

Diante do perigo de ver a ambiguidade se desenvolver, os católicos ingleses reagiram, e o Cardeal Vaughan, sucessor de Manning desde 1892, fez um discurso contundente onde, ao mesmo tempo que recordava as condições reais de uma eventual reunião, denunciava a ação dos padres franceses propagandistas da "reunião em corpo". Em seguida, foi a Roma e, não sem dificuldades, conseguiu esclarecer o Papa sobre a verdadeira situação, especialmente em dois pontos principais: por um lado, os bispos anglicanos não estavam de modo algum prontos para a reunião com uma Igreja católica que permanecesse romana; por outro, esse projeto da "*corporate reunion*" tinha como objetivo essencial evitar as verdadeiras conversões individuais, que corriam o risco de esvaziar o anglicanismo de sua substância humana.

Assim, pouco a pouco, as ilusões se desvaneceram ao longo do ano de 1896: a encíclica *Satis Cognitum*, de 29 de junho de 1896, sobre a Unidade Cristã, lembrava que a Igreja era guardiã da Unidade da fé e que esse magistério estava confiado a Pedro e seus sucessores, daí a infalibilidade.

Em seguida, tendo a comissão de oito teólogos, instituída no ano anterior, concluído seus trabalhos, a Encíclica *Apostolicae Curae*, de 13 de setembro de 1896, confirmou a invalidade das Ordenações Anglicanas. Foi um raio num céu sereno, sendo o ambiente aparentemente de conciliação. A Revista Anglo-Romana teve que desaparecer, e o padre Portal e seus amigos, caíram no esquecimento.

A situação tornava-se mais clara, pelo menos para aqueles que queriam ver, pois à afirmação católica responderam múltiplas tomadas de posição anglicanas igualmente nítidas, e algumas, oriundas de anglicanos não unionistas, alegraram-se francamente com esse esclarecimento.

Assim, um dos teólogos da Baixa Igreja, o Rev. Filligham, especificou em dezembro de 1896: "*Para nós, protestantes, a questão não tem importância alguma. Não acreditamos possuir ordens no sentido católico... Façamos o que fizermos, não podemos oferecer sacrifícios...*", e zombando do ritualismo, que chamava de "farsa vazia", ele enfatizou que os ritualistas não poderiam possuir aquilo que afirmavam valorizar tanto, ou seja, sacramentos válidos.

Os Metodistas, da mesma forma, lembravam aos Anglicanos unionistas que seu projeto de ter um pé na Igreja Inglesa e outro na Igreja de Roma não se sustentava e que, agora, eles deveriam escolher uma ou outra.

De um lado ainda mais oficial, muitos bispos anglicanos fizeram declarações semelhantes, ao menos quanto ao essencial. O bispo de Liverpool, da Baixa Igreja, confirmou em novembro de 1896, durante a conferência episcopal, que "o eclesiástico da Igreja Romana é um verdadeiro sacerdote, cuja grande ocupação é oferecer o sacrifício da missa. Por outro lado, o eclesiástico da Igreja Anglicana não é sacerdote de forma alguma, embora receba esse nome. Ele é simplesmente um presbítero, cuja função principal não é oferecer um sacrifício material, mas pregar a palavra de Deus e administrar os sacramentos".

O bispo de Salisbury, da Alta Igreja, ritualista e amigo de HALIFAX, dizia o mesmo: o próprio do clero anglicano é seu ofício de pastor, enquanto os poderes de sacrificador lhe são comuns com o conjunto dos fiéis. Em seguida, em março de 1897, os Arcebispos de York e Canterbury, portanto os dois principais chefes da Igreja Anglicana, redigiram uma carta em latim, em forma de encíclica, dirigida aos bispos de todo o mundo, expondo a concepção protestante clássica a respeito do Sacerdócio, do Sacrifício e da Presença real.

Em julho de 1897, na 4ª Conferência de Lambeth [3], os 194 prelados anglicanos presentes compuseram uma resposta à Encíclica *Satis Cognitum* e renovaram sua recusa à supremacia pontifícia. Eles também ressaltaram um aspecto do qual ainda não falamos, pois era quase imperceptível naquele momento, mas que se tornaria cada vez mais importante: essas controvérsias, embora nítidas quanto ao fundo, foram muito corteses na forma, demasiado corteses, sem dúvida... E os prelados concluíram de um ponto de vista anglicano e pré-ecumênico: "... *se esse espírito se espalhar e ganhar força, a controvérsia não terá sido infecunda, e aguardamos seu fruto com impaciência*". Parece, de fato, que, se a verdade foi devidamente afirmada, também se habituou a não mais detestar o erro, o que é o primeiro grau do liberalismo: mas como se admirar disso, quando a Igreja se encontrava, segundo a constatação do padre Barbier, em pleno triunfo do Liberalismo?

As Conversações de Malinas (1921-1926)

A presença de São Pio X, a crise modernista talvez, e a guerra de 14-18 certamente, abafaram essas aproximações; mas em 1920, na 6ª Conferência de Lambeth, os duzentos e cinquenta bispos anglicanos retomaram o problema da reunião das Igrejas e, para concluir, decidiram lançar um

apelo a todos os cristãos, católicos, ortodoxos e protestantes de todas as obediências.

Lord Halifax e o padre Portal, que não haviam desistido após mais de vinte anos, retomaram seu projeto; Halifax dirigiu-se ao Cardeal Mercier, Arcebispo de Malinas, na Bélgica, em nome do Arcebispo de Canterbury, para pedir-lhe que acolhesse em seu palácio um encontro entre representantes da Igreja Anglicana e católicos por ele designados.

Vieram com Halifax o Dr. Robinson, deão do cabido de Wells, o Dr. Frere, superior de uma comunidade religiosa em Oxford e futuro bispo, enquanto o Cardeal Mercier era assistido por seu vigário-geral, Dom Van Roey, e pelo... padre Portal.

Uma primeira série de conversações ocorreu nos dias 6, 7 e 8 de dezembro de 1921, durante as quais os anglicanos lembraram que aceitavam a ideia de um papado como centro de união, mas não o papado católico com jurisdição universal: era a velha fórmula do *primus inter pares*, uma espécie de presidência honorífica que evidentemente nada tem a ver com a sucessão de Pedro.

Quinze meses depois, nos dias 14 e 15 de março de 1923, realizou-se, ainda no Arcebispado de Malinas, a segunda série de conferências; desta vez, os anglicanos aceitavam o princípio da regularização das ordenações, confirmando assim que eles mesmos pouco acreditavam em sua validade. Mas mantinham sua posição em relação ao Papa e propunham que, uma vez alcançado o acordo entre Roma e o Anglicanismo, o Arcebispo de Canterbury receberia o pálio e gozaria de jurisdição plena e inteira sobre todos os bispos da Inglaterra, tornando-se uma espécie de patriarca autônomo; por outro lado, seriam conservados o vernáculo na liturgia, a comunhão sob as duas espécies e o casamento dos padres.

Seis meses depois, nos dias 7 e 8 de novembro de 1923, a terceira série de conversações ocorreu com os mesmos participantes, aos quais se juntaram dois anglicanos, o Dr. Gore, ex-bispo de Oxford, e o Dr. Kidd, superior do Keble College de Oxford, e dois católicos, Dom Battifol e o padre Hemmer. O debate voltou à primazia romana e, embora todos fossem obrigados a concordar com o lugar preeminente de Roma pelo testemunho de Santo Ireneu e Santo Agostinho, o Dr. Robinson, em nome dos anglicanos, renovou seu reconhecimento de uma primazia espiritual e sua recusa a uma jurisdição universal.

No Natal de 1923, o Arcebispo de Canterbury dirigiu uma carta ao episcopado da Inglaterra para explicar que essas Conversações de Malinas eram a continuação lógica do apelo lançado em Lambeth em 1920. Por sua vez, o Cardeal Mercier, em 18 de janeiro de 1924, explicava em uma carta a seus diocesanos a natureza das conversações e seu caráter oficioso, estando Roma a par...; enquanto o Cardeal Bourne, sucessor do Cardeal Vaughan, expressava em sua carta da Quaresma de março de 1924 sua alegria ao ver a Inglaterra dar um novo passo em direção à conversão.

Nos dias 19 e 20 de maio de 1925, realizaram-se as quartas e últimas conversações, nas quais Dom Van Roey pôde expor a tese católica em um relatório sobre "O Episcopado e o Papado do ponto de vista teológico". Finalmente, em 12 de outubro de 1926, Lord Halifax, o bispo Frere, o Dr. Kidd e Dom Battifol, reunidos na casa de Van Roey, novo arcebispo desde a morte do Cardeal Mercier em 23 de janeiro de 1926, redigiram um relatório geral das conversações; um balanço e também uma certidão de óbito, sem dúvida.

Pouco mais de um ano depois, o Papa Pio XI publicou, em 6 de janeiro de 1928, sua encíclica *Mortalium animos*, na qual advertia contra as falsas aparências do ecumenismo; este se desenvolvia já há cerca de quinze anos no mundo protestante, e seus princípios começavam a penetrar em mais de um espírito católico, especialmente nos meios liberais oriundos do *Sillon*; este será o tema de nosso próximo estudo, "Os primeiros passos do ecumenismo católico".

P. R.

Revision #4
Created 5 July 2026 12:19:06 by Admin
Updated 5 July 2026 19:03:03 by Admin